



O drama de voltar ao Supremo: Victor Turner e a jornada da alma no “Bhagavad-Gita, como ele é” de Srila Prabhupada

The drama of going back to Godhead: Victor Turner and the soul's journey
in “Bhagavad-Gita as it is” by Srila Prabhupada.

Caio César Busani¹

Resumo: Apresento neste artigo a filosofia e teologia da Sociedade Internacional para Consciência de Krishna (ISKCON), que segue a linhagem da religiosidade indiana *vaishnava gaudiya*, a respeito da trajetória que a alma individual faz ao encarnar neste mundo material e depois seu processo para se (re)conectar com Deus (*Krsna*). Mostro como esta jornada da alma possui estágios segundo a própria filosofia *vaishnava*, e como eles se assemelham e dialogam com as etapas do Drama Social, conceito criado pelo antropólogo Victor Turner.

Palavras-chave: *Hare Krishna. Bhagavad-gita. Antropologia. Victor Turner.*

Abstract: In this article I present the philosophy and theology of the International Society for Krishna Consciousness (ISKCON), which follows the *gaudiya vaishnava* lineage of Indian religiosity, regarding the trajectory that the individual soul takes when incarnating in this material world and then its process to become (re)connecting with God (*Krsna*). I demonstrate how this journey of the soul has stages according to *vaishnava* philosophy itself, and how they resemble and dialogue with the stages of Social Drama, a concept created by the anthropologist Victor Turner.

Keywords: *Hare Krishna. Bhagavad-gita. Anthropology. Victor Turner.*

Introdução

A partir do último século, devido ao movimento de contracultura, os ideais *hippies* e *beatniks*, em busca de uma nova forma de ver e interagir com o mundo diferente das sociedades cristãs europeia e norte-americana, diversos líderes religiosos, em sua maioria indianos, começaram suas instituições e pregações no ocidente, trazendo

¹ Caio César Busani é formado em Ciências Sociais pela UENF, pós-graduando em Ciência da Religião na UFJF e integrante do NERFI (Núcleo de Estudos em Religiões e Filosofias Indianas).
Email: caiobusani@gmail.com

uma nova forma de espiritualidade e de “ser no mundo”, em oposição aos ideais capitalistas da época (GUERRIERO, 2016).

Inserida neste contexto, surge a Sociedade Internacional para Consciência de Krishna (ISKCON), instituição fundada pelo *guru* indiano Bhaktivedanta Swami Srila Prabhupada, mestre e erudito da tradição hindu *vaishnava gaudiya*, uma linhagem devocional, focada no deus *Krishna*, proveniente da Bengala Ocidental. Prabhupada, como é mais conhecido, fez diversos discípulos, primeiro nos EUA, depois ao redor do mundo, onde começou a fundar templos, comunidades rurais e centros culturais, que eram (e ainda são) polos de divulgação e de prática desta religiosidade hindu (GUERRIERO, 2001). Sua instituição ficou popularmente conhecida como Movimento Hare Krishna, devido ao *mantra* (cântico sagrado) que é cantado por seus adeptos, e causou tamanho impacto na sociedade da época, que está presente em várias produções da cultura pop, como músicas dos *Beatles* e no famoso musical *Hair*.

Esta linhagem da religiosidade indiana tem seu ponto central na devoção a *Krishna*, entendido como a Suprema Personalidade de Deus. Ela se baseia na ideia de que os indivíduos são almas espirituais eternas (chamadas pelo termo em sânscrito de *jivas*), que são parte e parcela do divino, porém estando separadas dele, habitando corpos materiais aqui neste mundo físico. O sofrimento humano teria como origem esta separação. O sentimento de limitação, as angústias e dores sofridas pela humanidade, seriam então causadas por este “rompimento” entre a alma e Deus.

Sendo assim, para que o indivíduo se torne pleno e feliz (ainda neste mundo), ele precisaria adotar uma prática espiritual que o (re)conectasse a *Krishna*. Assim, através de uma prática performática devocional, o indivíduo pode restabelecer seu relacionamento com Deus e, aos poucos, ir refinando tal relacionamento, ao ponto que se torne completamente “consciente de *Krishna*”, ou seja, esteja constantemente agindo e pensando em comunhão com o divino. Desta forma, aquele que chega com este tipo de consciência na hora da morte, não mais retornará para este mundo material, e sim voltará à completa associação com Deus, no mundo espiritual.

Tendo esta filosofia como base, podemos notar que a alma, o indivíduo, na visão *Hare Krishna*, vive neste mundo um drama. O simples fato de estar neste “mundo material” já sugere que a alma está confusa e iludida, com a sensação de estar separada de sua fonte original. E isto acarreta no sofrimento neste mundo. Assim, através de um

processo ritual e de performance, o indivíduo precisa buscar a reconciliação para fechar este ciclo e por fim nesta jornada dramática.

A partir disto, busco demonstrar como as ideias de Victor Turner sobre drama social, e suas etapas, dialogam com a visão *vaishnava* da trajetória que a alma percorre. Embora a teoria de Turner estivesse voltada para o âmbito social, demonstrarei que sua metáfora sobre o drama teatral e a vida humana se aplica também às ideias metafísicas presentes na filosofia e teologia *Hare Krishna*, que norteiam toda a prática devocional desta religiosidade.

Para isto, analisarei a importante obra traduzida pelo fundador da ISKCON, Srila Prabhupada, a “Bhagavad-Gita, como ele é” (2017), considerado um dos tratados religiosos basilares desta tradição e de suma importância para diversas outras religiosidades indianas. Através desta tradução comentada, vamos entender a metafísica do *vaishnavismo gaudiya*, a noção de transmigração da alma, sua jornada a este mundo, a necessidade do seu retorno ao divino e, por fim, observar estas crenças e práticas a partir do prisma antropológico da teoria do drama social de Victor Turner.

Bhagavad-Gita: como ele é

A *Bhagavad-Gita*, que pode ser traduzida como a Canção do Senhor, é um trecho de um dos mais extensos épicos da humanidade, o *MahaBharata*, que possui cerca de 100.000 versos (DHARMA, 2016). Ela consiste no diálogo entre o príncipe-guerreiro Arjuna e seu amigo e primo Krishna (que é um *avatara*, uma encarnação na Terra de Deus) momentos antes da batalha de *Kurukshetra*, onde Arjuna e seus irmãos, os *Pandavas*, guerreiam pelo trono da Índia contra seus primos malignos, os *Kauravas*. O diálogo acontece, pois o príncipe se vê confuso pouco antes da grande guerra, sem saber se o que está fazendo é correto ou não.

Ele então pede ajuda a Krishna, que começa a aconselhá-lo e instrui-lo. Este, por sua vez, vai tirando as dúvidas de Arjuna sob a luz do conhecimento presente nas principais literaturas sagradas indianas, como os *Vedas e Upanishads*, a fim de ajudá-lo em suas questões que dizem respeito não só à batalha e à situação daquele momento, mas a problemas maiores da existência humana, a partir dos principais aspectos da filosofia indiana, explicando sobre elementos como a alma eterna (*jivatma*), a ação e os

deveres que todos possuem dentro da criação (*karma* e *dharma*), o mundo material o qual habitamos (*prakriti*), a natureza do Divino (*isvara*) e como se relacionar com ela, se libertando do ciclo de reencarnações (*moksa*). (SWAMI, 2011).

A *Bhagavad-Gita* foi escrita entre os séculos V e II a.C., segundo alguns especialistas. Porém sua tradição oral se perde no tempo. Resnick (2015) coloca ainda que devido alguns elementos do *MahaBharata* é possível datar seus acontecimentos de aproximadamente 3000 anos antes de Cristo. A compilação e seu primeiro registro escrito foi realizado pelo sábio *Vyasa Deva*, uma figura histórico-mitológica do hinduísmo, responsável por escrever dentre outras histórias e tratados filosóficos, para que os mesmos não se perdessem com o tempo, e tivessem sua versão escrita como forma de manter estas narrativas vivas.

Interessante perceber que tal atitude se deu principalmente devido ao calendário universal hindu das Eras cósmicas, ou *Yugas*, que medem os momentos que toda a criação passa, como estações universais. Com o começo da última Era do calendário hindu (*Kali Yuga*) que é responsável pela degradação e fim do mundo material, os conhecimentos dos *Vedas* seriam perdidos e haveria a necessidade de escrevê-los, já que os homens não mais conseguiriam decorá-los e passá-los adiante, como era feito, seguindo a tradição oral. Embora seja importante frisar que as linhagens e tradições indianas continuam com seu caráter de transmissão de conhecimento oral como principal característica destas religiosidades, porém tendo agora os textos impressos como auxílio nesta transmissão. Mas a relação mestre e discípulo se mantêm, e até hoje é incentivada e colocada como essencial.

Se tratando de uma religiosidade comentarial, ou seja, a partir dos comentários e apontamentos de certos mestres e santos importantes da história da Índia a respeito dos textos e práticas sagradas, é que se formaram linhagens de conhecimento e transmissão desta sabedoria, é necessário deixar claro qual destas linhagens estou tomando como base para a apresentação e argumentação deste trabalho. Aqui, falarei a partir da ótica do *vaishnavismo gaudiya*, que tem como seu principal fundador o santo Caitanya Mahaprabhu. No entanto, esta tradição foi popularizada no ocidente graças aos trabalhos de Bhaktivedanta Swami Prabhupada, fundador da ISKCON, a Sociedade Internacional para Consciência de Krishna. Ele chega em Nova York no ano de 1965, um monge renunciante de 70 anos de idade, que veio para o Ocidente com o intuito de



divulgar a filosofia védica, seguindo as ordens de seu mestre espiritual (GOSWAMI, 2014).

A importância da *Bhagavad-Gita* para o movimento Hare Krishna se dá por dois principais motivos. O primeiro, pois, é um texto sobre o próprio Deus (*Krishna*) falando e ensinando seu discípulo e amigo. O segundo, que cada verso e seus ensinamentos são comentados e explicados por Srila Prabhupada. Mais importante do que ler o texto, segundo a tradição *vaishnava gaudiya*, é ter as palavras e orientações do mestre, que guiam a leitura e a hermenêutica do texto. Sendo assim, mostrarei neste artigo partes do texto traduzidas por Prabhupada, mas também trechos de seus comentários, que obviamente são baseados em sua tradição e sua interpretação desta obra sagrada.

A Jornada da Alma

A narrativa da trajetória espiritual da alma, segundo a teologia *Hare Krishna*, começa com a separação ilusória da alma individual, de *Krishna* (mas a frente, entenderemos porque esta separação é chamada de ilusória). O indivíduo, através de seu livre-arbítrio, decide desfrutar do mundo material, encarnando neste mundo, assumindo um corpo físico, a fim de controlar e domar a realidade ao seu redor segundo a sua vontade. Podemos chamar esta primeira parte da jornada de “queda da alma”, como é comentado por Srila Prabhupada no verso 14 do capítulo 7:

As entidades vivas pertencem à natureza superior eterna do Senhor, porém, devido à contaminação com a natureza inferior, ou matéria, a ilusão delas também é eterna (...) deve-se entender que a alma condicionada está fortemente amarrada pelas cordas da ilusão (BHAGAVAD-GITA, 2017, p. 274).

Ao perceber sua limitação frente à vida e ao universo, em algum momento de sua experiência, sente-se incompleto e angustiado. Esta seria a origem do sofrimento humano. O indivíduo se vê incapaz de controlar totalmente os resultados das suas ações, de domar por completo o mundo material, e se frustra pelas mudanças constantes e incontroláveis da vida, a transitoriedade da existência e de tudo a que ele é apegado. “Sob o encanto da ilusão, os seres vivos estão tentando assenhorear-se de tudo o que está ao seu redor” (BHAGAVAD-GITA, 2017, p. 220).

Assim, com esta perplexidade diante da vida, se inicia o questionamento a respeito do sentido de viver, segundo a filosofia *vaishnava*. Neste segundo momento da trajetória, o indivíduo se encontra em uma certa crise existencial, e começa uma busca por sentido. Com esta fase de crise, ele se torna um buscador. Estando nesta posição, ele é chamado por *Krishna* no capítulo 7 de *Jijñasu*, o “inquisitivo, aquele que busca conhecimento, que está procurando por respostas” (LOUNDO, 2019, p. 1337). Podemos ver isto na seguinte passagem do capítulo 7, verso 16:

Ó melhor entre os Bhāratas, quatro classes de homens piedosos
passam a Me prestar serviço devocional — o aflito, o que deseja
riquezas, o inquisitivo e o que busca conhecer o Absoluto
(BHAGAVAD-GITA, 2017, p. 279).

A partir disto, seguindo a narrativa, na busca por um sentido da vida e solução para o sofrimento, a *jivatma* encontra muitos caminhos e respostas, dentre eles os caminhos teístas, de devoção e crença em um ser supremo, considerados pela tradição *Hare Krishna* como o caminho ideal: “Segundo o *Bhagavad-gītā*, o *sādhu* (homem santo) é um homem em consciência de *Kṛṣṇa*.” (BHAGAVAD-GITA, 2017, p. 170). Ao tomar ciência do ser divino e sua natureza, ele se acha separado deste e, parte do processo religioso do *vaishnavismo* para sua (re)conexão, é justamente entender que nunca esteve, de fato, longe de Deus. Estivera apenas equivocado, iludido de sua real posição na criação cósmica. Desta maneira, para que sua relação com o divino se torne explícita e ocorra conscientemente, ainda nesta vida, ele precisa seguir um processo, chamado de *bhakti-yoga*. (GUPTA, 2016)

Bhakti-yoga pode ser entendido como o caminho (*yoga*) de (re)conexão a Deus, através do amor (*bhakti*). Autores de outras tradições religiosas indianas, inclusive, vão traduzir *bhakti* como devoção, amor ou fé (ARIERA, 2016). Porém, é importante frisar que, para Prabhupada (e toda a linhagem que ele representa), esse amor não se estabelece somente através de um sentimento, mas também através de práticas performáticas, que visam expressar e refinar esses sentimentos relacionais (*rasa*) com Krishna (LOUNDO, 2021).

Deste modo, o serviço devocional é um processo, um método de se conectar com Deus a partir de um sentimento amoroso que é criado, mantido e desenvolvido ao se relacionar com ele, seguindo as regras e regulamentações dos mestres desta tradição.

Aqui, esta etapa da jornada pode ser chamada de início da vida espiritual, onde o agora devoto vai se dedicar a agir conforme uma conduta regrada, para sanar a sua crise existencial, dando então um sentido para sua vida. Sobre o método a ser seguido, Prabhupada comenta no capítulo 12, verso 9:

Para praticar os princípios reguladores que fazem parte da *bhakti-yoga*, o devoto deve, sob a orientação de um mestre espiritual experiente, seguir certas regras: ele deve levantar-se de manhã bem cedo, tomar banho, entrar no templo, oferecer orações e cantar *Hare Kṛṣṇa*, depois colher flores para oferecer à Deidade, cozinhar alimentos para oferecer à Deidade, tomar *prasādam* (...) E deve ouvir constantemente o *Bhagavad-gītā* e o *Śrīmad-Bhāgavatam* sendo falados por devotos puros. Esta prática pode ajudar qualquer um a elevar-se ao nível de amor a Deus, e assim assegurá-lo de que está progredindo rumo ao reino espiritual de Deus. (BHAGAVAD-GITA, 2017, p. 437).

Depois de ter passado por estes três momentos-chave da narrativa, a *jivatma* está agora apta a seguir no caminho de (re)conexão com *Krishna*, aprofundando e desenvolvendo cada vez mais seu relacionamento com o divino. Então, na hora da morte, podem acontecer duas situações distintas segundo a *Bhagavad-Gita* e o comentarista Srila Prabhupada. Ou o indivíduo se torna completamente consciente de *Krishna*, e ao morrer, sua alma não volta mais a renascer neste mundo material, voltando a sua posição inicial de se relacionar intimamente com Deus, como é visto neste trecho:

Esta Minha morada suprema não é iluminada pelo Sol ou pela Lua, nem pelo fogo ou pela eletricidade. Aqueles que a alcançam jamais retornam a este mundo material (BHAGAVAD-GITA, 2017, p. 500).

Ou então, por ainda não estar totalmente imbuído em seu relacionamento pleno com Deus, a alma irá retornar a este mundo. No entanto, o seu retorno se dará a uma nova vida com condições favoráveis para continuar sua caminhada espiritual, seguindo de onde parou na vida anterior. Isto fica claro no capítulo 6, verso 42, quando *Krishna* diz:

Ou [se fracassa após longa prática de yoga] ele nasce numa família de transcendentalistas que com certeza têm muita sabedoria. É claro que

semelhante nascimento é raro neste mundo (BHAGAVAD-GITA, 2017, p. 254).

Esta última parte fecha a trama, dando um final a toda esta narrativa. Desta forma, o indivíduo alcança o desfecho da sua trajetória, completamente mergulhado na divindade e no seu relacionamento eterno com ela, se tornando livre das condições transitórias do mundo material, se libertando assim do sofrimento. O termo sânscrito para descrever este acontecimento é *mukti* (RESNICK, 2015). Ou ele recomeça sua caminhada, onde necessitará passar novamente pelos três primeiros atos desse teatro divino, agora mais preparado para dar prosseguimento rumo ao objetivo final.

O Drama Social de Turner e os *Vaishnavas*

O conceito de Drama Social criado pelo antropólogo Victor Turner se baseia no que ele acreditava ser uma forma existente no comportamento humano, que possuía a função de lidar com os diferentes conflitos que surgem entre os indivíduos. Esta forma teria um teor teatral, dramático, pois nela estariam presentes diversos atores, personagens, intrigas e reviravoltas, assim como uma peça de teatro tendo um caráter estético como ele explica:

Vi pessoas interagindo e, dia após dia, via as consequências de suas interações. Comecei então a perceber uma forma no processo do tempo social. E esta forma era essencialmente dramática (TURNER, 2008, p. 27).

Desta forma, a maneira como Turner encara o social é justamente através das crises e rupturas que aparecem e se desenvolvem, dando um novo rumo para aqueles envolvidos. É importante frisar que, para ele, o mundo social estaria em um eterno devir, um “vir a ser”, em constante mudança e movimento.

Embora esta ideia do drama tenha sido desenvolvida enquanto Turner fazia seu trabalho de campo e, tenha como principal foco o entendimento e interpretação das crises que ocorrem no ambiente social, creio que o cerne de sua questão pode nos ajudar a compreender demais âmbitos do ser humano, como as crenças metafísicas e existenciais, que também possuem seus dramas e enredos, envolvendo o próprio Homem e aqueles ao seu redor. O próprio Victor Turner deixa claro que muitas ideias

que aprendemos com diversos autores, nos servem de maneira parcial, quando pegamos uma parte de suas teorias, e as colocamos em diálogo com aquilo que pesquisamos:

Além disso, com muita frequência tendemos a descobrir que não é todo o sistema de um teórico que promove essa iluminação, e sim suas ideias dispersas, seus *insights* retirados do contexto sistêmico e aplicados a dados dispersos. Tais ideias possuem uma virtude própria e podem gerar novas hipóteses. (TURNER, 2008, p. 19)

Justamente pensando a partir deste apontamento do antropólogo, vamos então entender as etapas do Drama Social e como elas se relacionam com a jornada da alma na metafísica do movimento Hare Krishna, fazendo uso desta metáfora teatral e do drama, para compreendermos a relação com o divino dentro desta religiosidade.

A primeira etapa é chamada de Ruptura. Ela é marcada por uma ação dissidente do indivíduo, ou seja, um ato de separação, de cisão. Rompe-se a ordem, “por um desejo individual ou coletivo; é a norma sendo quebrada” (TURNER, 2008, p. 33). Aqui podemos traçar o paralelo com o momento em que, segundo a filosofia *vaishnava*, a alma, com seu livre arbítrio, decide se separar de seu relacionamento íntimo com o Supremo, para desfrutar da energia material deste mundo. Mesmo estando em comunhão com *Krishna*, por uma ação deliberadamente individual, a *Jiva* decide permear outras dimensões da criação, para performar, de maneira dramática, seu distanciamento de Deus.

Depois disto, devido à ruptura da norma, começa a etapa da Crise. Aqui, esta ruptura se torna explícita, e precisa ser encarada e resolvida de alguma forma. Este momento “Não pode ser ignorado ou desprezado”, segundo Turner (2008). Sendo assim, quando a alma encarna neste mundo, em algum momento de sua existência, percebe que não consegue dominar e controlar tudo ao seu redor. Mesmo suas ações planejadas, não garantem que tudo saia como ela deseja. Percebe então a temporariedade do mundo ao seu redor, das coisas que desfruta e que gosta, e vendo tudo começar, existir e se acabar, começa a se perguntar qual o sentido de tudo isto. Podemos dizer que esta é a “crise da alma”, no olhar do *vaishnavismo gaudiya*. (HABERMANN, 1985)



A terceira etapa surge justamente como uma forma de solucionar a crise. Turner a chama de Ação Corretiva, onde certos mecanismos serão utilizados para que a tensão e o desequilíbrio sejam sanados. Ele indica que:

Examine cuidadosamente o que acontece na fase três, a suposta fase corretiva dos dramas sociais (...). É na fase corretiva que tanto as técnicas pragmáticas quanto a ação simbólica alcançam sua mais plena expressão (TURNER, 2008, p. 36).

É nesta etapa que diversos procedimentos são feitos para que a crise não se estenda demais e vá escalonando, criando assim um problema ainda maior. Aqui, os diferentes meios e técnicas serão utilizadas para que seja restaurado o *status quo ante*, ou pelo menos que a situação se pacifique entre os envolvidos neste drama.

Neste momento podemos relacionar o processo de *bhakti-yoga*, como a prática que vai solucionar a crise do indivíduo, restaurando sua relação com *Krishna*. A prática devocional e espiritual para a tradição *vaishnava* é antes de tudo um método, uma forma elaborada, testada e aprovada por mestres e santos do passado, que é ensinada aos mais novo, aqueles que adentram este caminho religioso, buscando sanar suas próprias crises existenciais.

Todo o processo de devoção ensinado no movimento *Hare Krishna* tem como base performar a relação existente entre a alma e Deus. Sejam os momentos meditativos individuais (como a meditação *japa*, onde se repete os nomes sagrados de *Krishna*), os rituais de adoração no altar do templo ou em casa (conhecido como *arati* e *puja*), os cantos de mantras que ocorrem nas reuniões entre os devotos e em procissões pelas ruas (são os *bhajans* e *kirtanas*), entre outras práticas, todas têm estas características em comum, performar o relacionamento eterno que existe entre o indivíduo e o Ser Supremo (PRENTISS, 1999).

Desta maneira, ao agir desta forma, o praticante (re)estabelece de maneira consciente sua relação com Deus, assumindo na ação a postura de um de seus associados, que são figuras arquetípicas, que estão sempre presentes nas histórias mitológicas de *Krishna*, como explica Prabhupada na introdução de sua tradução comentada da *Bhagavad-Gita*:



Logo que a pessoa se torna um devoto do Senhor, ela desenvolve um relacionamento direto com o Senhor. Este é um assunto muito complexo, mas em resumo o devoto tem uma relação com a Suprema Personalidade de Deus em uma destas cinco diferentes maneiras: 1. Podemos ser um devoto em estado passivo; 2. Podemos ser um devoto em estado ativo; 3. Podemos ser um devoto em amizade; 4. Podemos ser um devoto como pai e mãe; 5. Podemos ser um devoto como amante conjugal (BHAGAVAD-GITA, 2017, p. 19).

Então, chegamos na última etapa do drama, a Reintegração. Nesta parte aquilo que foi separado é reintegrado, assim, a ruptura se esvai, e tudo se integra novamente. Ou então, aquilo que já estava separado devido à cisão da primeira etapa, se agrava, e a divisão se mantém. É a partir desta etapa que as diversas mudanças ocorrem, trazendo novos elementos para a vida dos envolvidos: “E o que é mais importante, a natureza e a intensidade das relações entre as partes, e a estrutura do campo total, ter-se-ão modificado” (TURNER, 2008, p. 37).

Para a metafísica do movimento Hare Krishna, esta parte da jornada tem seu ápice no momento da morte humana. Ali, nos últimos momentos de vida, o devoto precisa estar totalmente focado na divindade e em seu relacionamento eterno². Se conseguir fazer isso de maneira profunda e sincera, então, ao morrer, não retornará a nascer neste mundo, e sim seguirá rumo para seu relacionamento íntimo e eterno com Deus.

No entanto, se ele não tiver praticado suficientemente o método devocional ao longo da vida e no momento da morte não tiver o preparo necessário para tal se fixar em *Krishna*, então ele continua atrelado a este mundo material. Sua alma migra para um novo corpo material, onde irá continuar sua jornada, passando novamente pelas etapas, mas agora carregando consigo a experiência devocional que teve na vida anterior, o que, de certa forma, acelera e facilita sua nova fase.

Desta forma, se dão as quatro etapas do Drama Social propostas por Victor Turner e sua relação com a metafísica soteriológica do *vaishnavismo gaudiya* praticado pela ISKCON. Vale salientar que dentro da tradição, o drama vivido pela alma na narrativa *Hare Krishna*, possui diferentes explicações e elucidações a respeito destas

² “Aqueles que estão em plena consciência de Mim, que sabem que Eu, o Senhor Supremo, sou o princípio governante da manifestação material, dos semideuses e de todos os métodos de sacrifício, podem, mesmo na hora da morte, compreender e conhecer a Mim, a Suprema Personalidade de Deus.” (BHAGAVAD-GITA, 2017, p. 293).



etapas. Algumas explicações dadas por autores desta religiosidade sugeririam, por exemplo, que as etapas mencionadas teriam sub-etapas dentro delas (VALERA, 2015).

No entanto, todas as formas de elucidar a jornada da alma, que são comumente divulgadas e ressaltadas pelos *vaishnavas* em sua literatura comentarial, possuem como base este esquema de quatro fases que foi apresentado. Ou seja, embora diversos santos e mestres da tradição *vaishnava gaudiya* expliquem e enumerem tais etapas de outras formas, todas aquelas que são mais comumente utilizadas pelos *Hare Krishna*, seguem esta lógica das quatro etapas, que aqui relacionamos com a visão antropológica de Turner.

Conclusão

A Sociedade Internacional para Consciência de Krishna é uma instituição religiosa, presente no mundo inteiro, estando ativa desde a sua fundação. Ela se faz presente em diversos países da América Latina, como o Brasil. Sendo assim, julgo necessário que existam cada vez mais trabalhos acadêmicos que visem analisar e dialogar com esta religião, a fim de compreendermos melhor sua estrutura e visão de mundo.

Aqui, discorri sobre a maneira como os *Hare Krishnas* percebem a jornada que a alma individual faz do mundo espiritual, a este mundo físico e depois seu retorno. Vimos que esta trajetória possui etapas e explicações do porquê acontecem. Isso nos esclarece muito sobre as práticas e ritualistas existentes nessa religião e, nos dão uma maior clareza para compreender as atividades e símbolos existentes nela.

A partir do conceito de Drama Social de Victor Turner, percebemos como a visão de mundo dos *vaishnavas* pode ser compreendida também através do olhar da antropologia. As etapas do drama, propostas por Turner, dialogam com as etapas da jornada da alma segundo a metafísica do *vaishnavismo gaudiya*. Assim, percebemos como que o conhecimento acadêmico pode enriquecer-se ao estabelecer conexões com demais formas de conhecimento, como as tradições religiosas da Índia. Através dessas análises, construímos pontes que enriquecem ambos os lados, trazendo novas formas de ver e interagir no mundo.



Referências bibliográficas

BHAGAVAD-GITA. Português. **Bhagavad-gita: como ele é.** Tradução e Comentários de Bhaktivedanta Swami Prabhupada. São Paulo. Editora BBT. 1980. 799 p.

BHAGAVAD-GITA. Português. **Bhagavadgita – Diálogo entre Sri Krsna e Arjuna.** Tradução Gloria Arieira. Rio de Janeiro. Vidya-Mandir. 2010 336p.

DHARMA, Krishna. **Mahabharata: Versão condensada da maior epopeia do mundo.** Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2016.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. **Prabhupada: Um santo do Século XX.** BBT, São Paulo, 2014.

GUERRIERO, Silas et al. Os componentes constitutivos da Nova Era: a formação de um novo ethos. **Revista de Estudos da Religião (REVER)**, v. 16, n. 2, p. 9-30, 2016.

GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. **Revista de Estudos da Religião**, v. 1, p. 44-56, 2001.

GUPTA, Ravi M. **Caitanya Vaisnava Philosophy: Tradition, Reason and Devotion.** Ashgate Publishing Limited. Inglaterra. 2014

LOUNDO, Dilip. Razão (jñāna) e Devoção (bhakti) no Advaita Vedānta: Madhusūdana Sarasvatī (séc. XVI) e o Bhagavad Gītā. **Educação E Filosofia**, v. 33, n. 69, p. 1323-1371, 2019.

LOUNDO, Dilip. The Indian Aesthetics of Emotions ("rasa"): Non-duality, Aesthetic Experience and the Body. **Terceira Margem**, v. 25, n. 46, p. 51-66.

PRENTISS, Karen. **The Embodiment of Bhakti.** Oxford University Press. 1999.

RESNICK, Howard. **Guia Completo da Bhagavad-Gita: Com tradução literal.** Coletivo Editorial, São Paulo, 2015.

SWAMI, Chandramukha. **Bhagavad-Gita para iniciantes.** Editora BBT, Pindamonhangaba, 2011.

TURNER, Vitor. **Dramas, campos e metáforas - ação simbólica na sociedade humana.** Série Antropologia e Ciência Política, v. 42. Eduff, 2008.

VALERA, Lúcio. **A Mística devocional (Bhakti) como experiência estética (Rasa): um estudo do Bhakti-Rasamrta-Sindhu de Rupa Goswami.** Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – UFJF. 2015.